



O Militante



BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

por
Álvaro
Cunhal

Tendências e métodos de acção de certos sectores anti-fascistas

E A LUTA PELO DERRUBAMENTO DA DITADURA

Entrevista à Rádio Portugal Livre

Pergunta: Camarada Álvaro Cunhal. Fala-se muito, actualmente, nas diversas formas e métodos de acção defendidos e seguidos por vários sectores anti-fascistas. Ouvintes de Rádio Portugal Livre manifestam grande interesse pelo assunto. Dado o tempo limitado das nossas emissões, propomos que esta entrevista lhe seja inteiramente consagrada.

Resposta: De acordo, camarada.

Pergunta: Eis então a primeira pergunta. O Comunicado da Reunião do Comité Central do Partido Comunista Português de Julho de 1967 afirma que «as concepções oportunistas de direita constituem no actual momento, as mais perigosas tendências no movimento anti-fascista português». Não contradiz essa afirmação afirmações anteriores segundo as quais a mais perigosa tendência era o esquerdismo e o aventureirismo? Não se tratará de uma mudança de apreciação e de atitude do Partido?

Resposta: Não, não se trata de uma mudança de apreciação e de atitude do Partido.

Temos sempre combatido tanto as tendências oportunistas de direita como as tendências esquerdistas e aventureiristas. Uma e outras influenciam negativamente a luta do povo português contra a ditadura fascista. O oportunismo de direita, alimentando ilusões na queda automática ou semi-automática do fascismo, conduz à inércia e afasta da actividade revolucionária os agrupamentos políticos que o perfilham. O es-

querdismo e aventureirismo, alimentando a ilusão de que o problema político português pode ser solucionado por alguns homens decididos à luta armada conduz os que o perfilham, quando coerentes, a aventuras condenadas ao fracasso. Um e outro afastam o movimento anti-fascista do que deveriam ser as suas preocupações fundamentais na hora actual: a organização, a acção política e a luta popular. Um e outro desenvolvem nas massas a expectativa, a inércia e a passividade. Um e outro afastam o movimento anti-fascista da sua real perspectiva revolucionária, que só se pode abrir através dum amplo e insistente trabalho de massas.

Criticando simultaneamente as duas tendências, temos ao mesmo tempo em conta que, num momento dado, uma ou outra ganha maior vulto e exerce uma influência mais prejudicial.

Nos anos de 1963-65, foi o esquerdismo, o aventureirismo, que como tendência negativa mais se fez sentir no movimento anti-fascista português. Com algumas trágicas experiências, que expuseram à luz do dia os desastres a que conduz a impaciência, o desespero, a precipitação e a aventura, o esquerdismo sofreu sérios golpes, tanto no plano ideológico como na actividade prática, e a sua influência decresceu temporariamente.

Ao mesmo tempo, inspiradas pela burguesia liberal e por certos sectores socialistas, de novo ganharam terreno as tendências de direita. Em torno do mito dos «dissidentes» e da chamada preparação para a sucessão de Salazar teve lugar um surto oportunista caracterizado pela renúncia a objectivos fundamentais da revolução anti-fascista, pela admissão da possibilidade dum compromisso com os chamados dissidentes do regime, pelo abandono do trabalho de organização clandestina, pela substituição da luta popular por manobras de bastidores, pela perda



duma perspectiva revolucionária.

Nos anos de 1966 e 1967, foram estas tendências e não tanto o esquerdismo que mais se fizeram sentir no movimento anti-fascista, prejudicando a unidade, entravando a estruturação orgânica, reftreando a acção política, espalhando novas ilusões acerca duma queda automática do fascismo. Essa a razão por que, na sua reunião de julho de 1967, o Comité Central do Partido Comunista indicou as tendências oportunistas de direita como sendo então as mais perigosas no movimento anti-fascista.

Pergunta: E actualmente? Continua a impor-se o combate ao oportunismo de direita, ou mudou uma vez mais a situação?

Resposta: Actualmente, como seis meses atrás, continua a ser necessário combater firme e intransigentemente o oportunismo de direita, que predomina em vastos sectores da Oposição e exerce uma influência negativa em todo o movimento democrático.

Temos de desfazer as tolas esperanças de que o fascismo pode ser destruído precisamente por aqueles que querem salvá-lo. Temos de desmascarar o verdadeiro significado e alcance da ideia que alguns têm espalhado de que a libertação do povo português pode vir do estrangeiro, da pressão daqueles mesmos que apoiam Salazar e exploram a nossa pátria, seja os próprios americanos cujo auxílio alguns têm a desvergonha de procurar, seja lacaios do imperialismo como os «socialistas» ingleses de Wilson ou os «socialistas» ceste-alemães de Willy Brandt. Temos de mostrar aos olhos das massas que, por muito importante que seja (e de facto é) o aproveitamento de possibilidades legais e semi-legais de acção, nunca poderão dirigir a luta libertadora aqueles que se limitam a agir no quadro da legalidade fascista, fogem a uma actividade clandestina e revolucionária, têm medo das massas populares como o Diabo da Cruz e expressamente proclamam que não querem nem insurreição, nem revolução. Por tudo isso temos que combater o oportunismo de direita.

Isso não significa entretanto que o esquerdismo, o aventureirismo, não possa vir de novo a ser a mais perigosa tendência no movimento anti-fascista. Podemos mesmo dizer que as tendências oportunistas de direita estão perdendo terreno e que de novo se reanimam as tendências esquerdistas e aventureiristas.

O dever do Partido é combater umas e outras, incidindo em cada momento a sua maior atenção para aquelas que se revelem nesse momento as mais prejudiciais.

Pergunta: Poderá concretizar em que consiste essa actual reanimação das tendências esquerdistas e as razões da crítica que faz o Partido?

Resposta: Nos sectores pequeno burgueses da Oposição passa-se facilmente do esquerdismo

ao direitismo e vice-versa e por vezes as duas tendências tecam-se e conciliam-se. Nada deve surpreender este vai-vem, este balancé entre as duas tendências. Os factos atiram por terra as ilusões legalistas? A pequena burguesia mais radicalizada volta-se para soluções de desespero. Os factos ensinam que o desespero conduz ao desastre? Regressa às soluções legalistas. E assim por diante repete-se o ciclo.

A nova reanimação do esquerdismo resulta por um lado do tombar das ilusões semeadas profusamente nos anos trasectos acerca duma liberalização do regime, da possibilidade dum compromisso com os chamados dissidentes. Resulta por outro lado de factores de ordem internacional.

O fundamental das concepções esquerdistas e aventureiristas no actual momento não traz nada de novo. É a repetição dum esquema conhecido, segundo o qual a revolução e a vitória poderão ser alcançadas como resultado da acção de um pequeno núcleo de homens decididos à luta armada, que a empreendam com coragem e preparação técnica.

Sabe-se que consideramos tais concepções erradas e perigosas.

Pequenos grupos que, sem uma organização política sólida, sem influência nem apoio de massas, sem ter em conta as condições existentes num momento dado, empreendam a luta armada, poderão realizar actos dispersos de carácter propagandístico, poderão realizar alguns actos terroristas, mas não passarão daí. Grupos desse tipo não têm condições para resistir à repressão fascista, são extremamente vulneráveis à provocação da PIDE ou de serviços estrangeiros e podem mesmo tornar-se instrumento daqueles que afirmam combater. Homens corajosos e honestos que escolham tal caminho correm direito à desilusão, ao fracasso e à derrota.

Não é para diminuir quem quer que seja que assim falamos. A nossa crítica é feita na base da experiência do movimento revolucionário português e internacional.

O esquerdismo, o aventureirismo, avança também naturalmente a sua argumentação. Não cabe, no âmbito desta entrevista, responder a ela. Mas dois pontos quero referir.

O primeiro: Uma táctica não justifica a sua validade numa situação dada pelo facto de ter tido bons resultados numa situação diferente. Em cada caso, a táctica deve ser estabelecida, não copiando mecânicamente experiências alheias, mas em correspondência com a situação real em que vai ser aplicada.

O segundo: Tão pouco se pode justificar uma táctica, citando a coragem, a devoção e a coerência dos que a adoptam. Nós apreciamos a coragem, a devoção e a coerência como grandes virtudes revolucionárias e julgamos que, no nosso país, ninguém mais que os comunistas têm delas dado provas. Mas se a coragem, a devoção e a coerência servem para ajuizar da formação mo-

ral e do valor moral dos homens, não demonstram por si a correcção duma táctica.

Não são heróis isolados que podem resolver os problemas duma revolução, que só a organização política, a acção política, a luta de massas, a acção popular revolucionária, podem resolver.

A perspectiva que se oferece ao nosso povo é a insurreição popular armada. As acções armadas têm decerto mesmo antes da insurreição um papel importante a desempenhar. Entretanto, por muito que desagrade aos impacientes, continuamos a afirmar que, nas condições actuais, não é ainda a luta armada a forma de luta fundamental e decisiva. Ela deve ser empreendida e acrescentamos: será empreendida, enquadrada no trabalho de organização, na acção política e na luta popular de massas. Essa é a única base em que poderá desenvolver-se com sucesso.

Pergunta: O que acaba de ser dito sugere uma outra questão. Nos últimos anos têm sido formados, com vida mais ou menos efémera, grupos que se propõem levar a cabo uma acção revolucionária. Observa-se entretanto que, por sistema, esses grupos comessam, não por procurar a cooperação com o Partido Comunista, mas por dizer que este está «ultrapassado», acusando-o de «não querer fazer a revolução» e afirmando que são eles, isto é, cada um desses grupos, que vão fazê-la. Como interpretar esse facto?

Resposta: O facto tem causas imediatas e causas mais profundas. Entre as causas imediatas conta-se a intenção de cada novo grupo ganhar elementos combativos, que no geral se encontram no âmbito da influência do Partido Comunista. Como esses grupos não têm suficiente força de atracção nem uma actividade política que justifique as suas pretensões, pensam que, atacando e caluniando o Partido com mais ou menos escrúpulos, podem afastar da influência do Partido e conseguir a adesão de alguns desses elementos.

Existem, porém, causas mais profundas dessa atitude.

Não se trata de um fenómeno especificamente português. Ele verifica-se, pode dizer-se, à escala mundial. Um pouco por toda a parte, elementos radicais da pequena burguesia negam que os partidos operários, os partidos comunistas, possam ou queiram dirigir a revolução e pretendem que essa tarefa incumbe a organizações da pequena burguesia. Alguns não deixam de invocar o marxismo-leninismo, interpretando apressada e incorrectamente as suas teses fundamentais para cobrir ideologicamente posições tipicamente pequeno-burguesas.

O denegrimto sistemático dos quadros políticos operários, a sobrestimação do papel dos intelectuais e dos estudantes na revolução, a

apresentação destas camadas como a vanguarda das forças revolucionárias, o menosprezo pela organização e pelo trabalho político e a atribuição da direcção política a quadros militares, o culto da acção dos heróis e dos feitos individuais contrapondo-se à acção das massas, as tácticas puchistas e aventureiristas, o anti-sovietismo, a subestimação do papel da URSS, do campo socialista e da classe operária internacional no processo revolucionário mundial, o ultra revolucionarismo verbal,—são aspectos característicos das concepções da pequena burguesia radical na actualidade.

Apesar de muitas vezes objectivamente anti-comunista, tal posição não pode ser interpretada como sendo sistematicamente hostil à revolução socialista. Não. O fenómeno é mais complexo. Ele resulta das vitórias históricas do socialismo e da mudança da correlação mundial de forças. Em numerosos países, entre os quais Portugal, os sectores mais radicalizados da pequena burguesia compreendem a inevitabilidade da revolução socialista e aderem aos ideais fundamentais do socialismo. O que existe por detrás das posições e concepções acima referidas não é em muitos casos a oposição ao advento duma sociedade socialista, mas a pretensão da pequena burguesia dirigir, como tal, a revolução dos operários e camponeses. Essa pretensão manifesta-se em numerosos países e procura mesmo expressões internacionais. Não será de estranhar se a pequena burguesia mais radicalizada vier mesmo a procurar criar a sua própria «Internacional» com a pretensão de concorrer com o movimento comunista e de sobrepor-se a este como único verdadeiro movimento revolucionário do planeta...

A história já nos deu exemplos de revoluções da burguesia que a classe operária dirigiu. O que aparece (e este é o fenómeno novo) é a pretensão da pequena burguesia querer dirigir revoluções da classe operária.

Pela nossa parte, continuamos a pensar que cabe aos trabalhadores libertarem-se por suas próprias mãos do jugo do capital, que a classe operária é a classe mais revolucionária e que, para o triunfo da revolução socialista e para a construção do socialismo, é decisiva a acção dirigente dos partidos da classe operária, dos partidos comunistas, orientados e inspirados pelo marxismo-leninismo.

Pergunta: Essa luta pela hegemonia entre a classe operária e a pequena-burguesia é cada vez mais evidente. Mas parece que não deve impedir a aliança das duas classes e das forças políticas que as representam e a sua cooperação para a acção anti-fascista e para a construção dum Portugal democrático e progressivo. Será assim?

Resposta: Exactamente. Não nos guiámos pelo



subjectivismo, antes pela análise das situações e dos fenómenos. Por isso não tomamos uma posição negativa em relação às tentativas de organização e de acção da pequena-burguesia. Por um lado, desvendamos a natureza de classe das suas concepções e atitudes sejam de direita ou de esquerda, damos firme combate às suas pretensões hegemónicas e às suas campanhas contra a classe operária e o Partido. Por outro lado, propomos muito fraternalmente a conjugação de esforços, a cooperação e a unidade de acção.

Pergunta: Não haverá uma falta de coerência entre essas duas atitudes?

Resposta: Não, não existe falta de coerência. As forças sociais que se opõem ao fascismo são diversas. Por isso são necessariamente diversas as concepções, as atitudes e os métodos dos agrupamentos ou sectores políticos que as representam. Dentro dessa diversidade, não só existem objectivos comuns (o primeiro, central e fundamental é a conquista da liberdade política) como é necessário e é possível o entendimento, tanto para acções com objectivos limitados imediatos, como para o desenvolvimento geral da luta política e revolucionária que conduza ao derrubamento da ditadura fascista e à instauração dum regime democrático.

Não são de levar a sério quaisquer agrupamentos que, mal ensaiam os primeiros passos, logo afirmam que sózinhos farão a insurreição e libertarão Portugal do fascismo. A necessidade de união dos anti-fascistas decorre da própria situação nacional.

Na sua acção independente como partido da classe operária e dos trabalhadores portugueses, o Partido Comunista critica as tendências que entram o desenvolvimento da luta anti-fascista, que dispersam e dividem os democratas, que contrariam a acção popular de massas, que condenam à passividade ou conduzem à aventura. Mas criticando as tendências negativas, procuramos incansavelmente a cooperação e a unidade com todos os sectores anti-fascistas. Declaramos a nossa firme disposição de unir as nossas forças às de todos os que sinceramente querem lutar para varrer o fascismo da nossa terra. De há muito nos declaramos prontos, em qualquer momento, para analisar em comum com todos os sectores anti-fascistas que o desejem todos os problemas da luta anti-fascista, para estudar em comum as experiências, debater ideias, procurar definir em comum um programa e uma tática, encontrar formas estáveis, regulares e eficientes de cooperação.

O nosso trabalho em favor da unidade não se traduz apenas nas relações com outros agrupamentos políticos. O trabalho em favor da unidade faz parte da actividade diária de todas as nossas organizações e militantes, que se esforçam incansavelmente para unir os operários, os camponeses, os empregados, os estudantes, os intelectuais, os militares, homens, mulheres, jo-

vens das mais variadas correntes políticas nas mais variadas formas de luta contra o fascismo. Em todos os domínios da luta anti-fascista, no terreno legal e na actividade clandestina, na luta económica e na luta política, nas acções de massas e na luta armada, estamos firmemente dispostos a cooperar com todos os que sincera e lealmente queiram cooperar, a unirmo-nos com todos os que se queiram unir.

A unidade que queremos, por que lutamos, que em muitos casos alcançamos, não é para ficar de braços cruzados à espera da queda automática do fascismo, não é para nos lançarmos em desesperadas aventuras condenadas à derrota, mas a unidade que fortalece a organização e impulsiona a luta popular com uma perspectiva revolucionária.

A classe operária e o seu Partido tem um papel determinante a desempenhar no movimento nacional anti-fascista. É consciente das suas responsabilidades, que o Partido Comunista Português, ao mesmo tempo que desenvolve a sua acção independente como Partido da classe operária, continua sendo o grande porta-estandarte da unidade de todos os anti-fascistas na luta contra o inimigo comum, na luta para derrubar a ditadura fascista e para conquistar a liberdade.

Pergunta: O Partido Comunista insiste no papel determinante da classe operária e do Partido no movimento nacional anti-fascista. Entretanto, como publicamente tem referido dificuldades e debilidades no seu próprio desenvolvimento, afirmam alguns que, em virtude dessas dificuldades e debilidades, o Partido não está em condições de desempenhar o papel determinante que a si próprio se atribui. Quer dizer alguma coisa a este respeito?

Resposta: Os que assim falam, uns liberais, outros socialistas, uns que francamente se dizem anti-comunistas, outros que se dizem nossos amigos e aliados, são aqueles que gostariam que a sua opinião correspondesse à realidade, ou seja, gostariam que o Partido Comunista Português sofresse sérios revezes e deixasse de representar qualquer papel na política nacional.

Falam assim além do mais para justificarem a afirmação de que são eles os mais legítimos representantes da Oposição, para justificarem as suas pretensões de hegemonia no movimento anti-fascista e ao mesmo tempo tranquilizarem os americanos, ingleses, oeste-alemães e outros a quem pedem auxílio contra Salazar, dizendo-lhes que em Portugal o «perigo comunista» não existe.

Mas a realidade não se amolda a tais desejos e, agrade-lhes ou não, o Partido Comunista Português continua a ser um grande Partido nacional e o único verdadeiro partido revolucionário existente no nosso País.

De facto temos referido públicamente deficiências e debilidades no trabalho do nosso Partido. Nenhum partido sério pode deixar de fazê-lo. Um partido, para progredir, necessita de tirar experiência dos factos, de aprender tanto com as vitórias como com os insucessos, não receando a verificação das próprias debilidades, antes constantemente as apontando, descobrindo as suas causas, tomando medidas para vencê-las.

A liberdade não será oferecida numa bandeja ao povo português. Nem pelos «dissidentes», nem pelos liberais, nem por socialistas, nem pelos amigos estrangeiros de quaisquer destes. A liberdade só pela luta do próprio povo po-

derá ser alcançada. Organizar, conduzir, dirigir a luta popular até à vitória é a tarefa que nos propomos e a nosso ver se deveriam propor todos os agrupamentos anti-fascistas.

O Partido Comunista, que existe, que vive, que age, que luta apenas para servir a classe operária e o povo português, tem uma ideia da sua responsabilidade e não poupa nem poupará esforços, não poupa nem poupará sacrifícios, para estar à altura da sua tarefa.

Aqueles que confiam no Partido Comunista têm razões para confiar. Somos o grande Partido anti-fascista do presente e estamos certos de que seremos também o grande Partido do futuro.

A Experiência DAS GRANDES MANIFESTAÇÕES DE MAIO DE 1962 E O CAMINHO DAS LUTAS DE MASSAS

As jornadas de Maio de 1962 são o auge de um período de intensas lutas da classe operária e das massas populares que dificilmente poderão ser analisadas se não se tiver em conta o conjunto de lutas que estão para trás, incluindo a campanha eleitoral de 1961.

As jornadas de Maio de 1962 fundiram numa só torrente as lutas dos operários industriais e dos operários agrícolas por reivindicações económicas imediatas, com a luta política contra a ditadura fascista, contra a guerra colonial, pela Paz, pela Democracia, pela Amnistia, envolvendo nessa acção outras camadas laboriosas da cidade e do campo, a juventude e as mulheres, que se integraram nas manifestações, greves, paralizações e concentrações que se desenrolaram em várias regiões do País e em particular nos centros industriais de fortes tradições de luta e nas zonas agrícolas de grande concentração da propriedade e de proletariado rural numeroso.

As lutas da classe operária em volta das suas reivindicações imediatas constituíram um dos mais sólidos fundamentos das amplas batalhas de classe que tiveram lugar no País em Maio de 1962.

O ano de 1960 conheceu a luta dos metalúrgicos de Braga por aumento de salários; a corajosa greve dos mineiros de Aljustrel, que permaneceram mais de 33 horas no fundo da mina, sem água e sem comida; as concentrações de milhares de trabalhadores da Carris de Lisboa junto da gerência; as lutas dos trabalhadores agrícolas do Alentejo e Ribatejo contra o desemprego, as concentrações e marchas de fome, as lutas por melhores jornas no período das ceifas; as lutas dos tanoeiros, dos têxteis do Porto e da zona do

Ave, dos operários dos estaleiros navais de Viana do Castelo; as lutas vitoriosas dos pescadores de Matosinhos, dos corticeiros da Margem Sul e muitas outras.

O ano de 1961 foi assinalado por novas batalhas da classe operária contra a exploração capitalista, pela greve de 2.000 pescadores de Peniche, pelas lutas dos trabalhadores rurais por jornas mais altas e pelas oito horas, dos 7.000 operários marmoristas da região de Pero Pinheiro e Careque, dos mineiros do Lousal e de S. Pedro da Cova, pelas manifestações do 1º de Maio em Tortozendo, pelas lutas dos têxteis, corticeiros e de outros sectores da classe operária, pelas manifestações populares no dia 5 de Outubro, em Lisboa. As lutas dos trabalhadores ganharam novo impulso, em consequência da guerra colonial. A jornada de 10 de Junho de 1961 é uma afirmação inesquecível da hostilidade da classe operária e dos trabalhadores à acção militar empreendida pelos colonialistas portugueses para esmagar o movimento libertador em Angola. A classe operária recusou-se a conceder um dia de trabalho para a guerra colonial e não compareceu em larga escala ao trabalho nesse dia, apesar das intimidações e das várias formas de pressão do patronato e do fascismo.

O ano de 1961 registou grandiosas acções de protesto e verdadeiros casos de insubordinação dos soldados contra a guerra colonial em Lisboa, Beja, Chaves, Évora, Amadora, Gaia, Aveiro, Meira, Queluz, Santa Margarida, Tomar e Tencos.

As jornadas de Maio de 1962 estão estreitamente ligadas ao esforço organizativo do Partido, à luta para eliminar as consequências do



desvio de direita e da tendência anarco-liberal em toda a actividade do Partido. Sem essa luta ideológica, sem o trabalho de organização a que o Partido audazmente se lançou, sem as medidas de defesa e de reforçamento interno das fileiras do Partido, sem a sua unidade e sem a elaboração de uma nova linha política, concordante com as realidades nacionais, as jornadas de Maio não teriam sido possíveis.

O início da guerra colonial e as consequências que dela rapidamente resultaram para as condições de vida das amplas massas trabalhadoras; os insucessos do colonialismo em Angola, a derrota sofrida em Goa, os desaires internacionais do fascismo relacionados com a guerra colonial, a hostilidade do povo a essa guerra e em particular da classe operária, constituíram novos factores de descontentamento e de luta de massas.

A unidade das forças democráticas, consubstanciada em organismos unitários e na criação da Frente Patriótica de Libertação Nacional, ao mesmo tempo que é uma resultante do ascenso da luta de massas, exerce uma acção estimuladora no processo revolucionário que está em curso, contribui para a mobilização de novos sectores.

As «eleições» para deputados em 1961, se testemunharam a tibieza, o oportunismo e espírito capitulacionista de certos sectores democráticos, condicionaram, entretanto, a vitalização do movimento popular de massas em torno de consignas políticas, permitiram o desencadeamento de novas e poderosas acções da classe operária, da juventude, das massas trabalhadoras da cidade e do campo contra a ditadura fascista, aproveitando as condições legais, sem menosprezar as formas ilegais de acção.

As poderosas manifestações de massas de Novembro de 1961 contra a burla eleitoral fascista, que tiveram lugar em Lisboa, Almada, Coimbra, Alpiarça, Couço, Covilhã, Grândola e outras localidades, deram um novo impulso às lutas da classe operária e do povo, mostraram, como assinala Álvaro Cunhal em «Rumo à Vitória», estarem criadas, as condições de luta política aberta fora dos períodos «eleitorais», evidenciaram a decisão popular de passar à ofensiva.

Foi esse impulso revolucionário que condicionou as manifestações de 31 de Janeiro no Porto, nas quais participaram 50.000 pessoas, as manifestações, na mesma cidade, do dia 8 de Março, em que, pela primeira vez, se comemorou no nosso País a Jornada Internacional da Mulher com acções de rua que mobilizaram cerca de 20 mil pessoas.

As lutas populares de massas juntaram-se as lutas dos estudantes, no decurso de 1962, que atingiram um elevado nível de combatividade, de coesão e de capacidade política, como até então se não havia registado entre a juventude estudantil, sob a ditadura fascista.

As manifestações do 1º de Maio de 1962 e as

lutas que se lhes seguiram, marcam o auge deste período de intensas lutas de massas.

Em Lisboa, 100.000 pessoas manifestaram-se nas ruas, durante horas, lutando corajosamente contra as brigadas móveis da polícia e os esquadrões de cavalaria da GNR, arrancando as pedras da calçada, as placas de estacionamento, os ferros das paragens de autocarros e tudo o que pudesse constituir uma arma de defesa contra as forças repressivas. Essa coragem exemplar veio a repetir-se no dia 8, em novos actos de heroísmo nas ruas de Lisboa, quando de novo a classe operária, a juventude, as massas populares voltaram a manifestar-se contra o fascismo e a sua política de guerra e de miséria.

O Porto viveu igualmente horas de luta, com dezenas de milhar de manifestantes, no centro da cidade, com choques violentos com a força pública, que se prolongaram pela noite dentro.

Aljustrel conheceu a força da repressão que se abateu sobre os mineiros roubando a vida a António Adângio e Francisco Medeiros. Em Almada, as manifestações do 1º de Maio, que abarcaram milhares de trabalhadores, tomaram o mesmo carácter de combatividade, de coragem exemplar que se registou nas manifestações do Barreiro, Couço e outras localidades.

As jornadas de Maio de 1962 tiveram a caracterizá-las novos aspectos da luta de massas. No Alentejo e Ribatejo, centenas de milhares de trabalhadores participaram nas jornadas de Maio fazendo greve, manifestando-se nas ruas, defrontando as forças repressivas, com uma amplitude, vigor revolucionário e capacidade organizativa que não havia ainda sido atingido, em período de ditadura fascista. À luta política os trabalhadores agrícolas souberam associar a luta económica, facto que permitiu alargar as acções de massas, prolongar estas para lá do primeiro de Maio, desenvolver a consciência política dos assalariados rurais, reforçar a sua unidade e combatividade e conquistar vitórias históricas: a da instauração nos campos do horário das oito horas, além da luta por jornas mais altas, que obteve importantes sucessos.

A força e o prestígio do Partido Comunista Português apareceram em toda a sua projecção na organização e decurso destas lutas. Foi ao apelo do Partido, foi sob a sua direcção que centenas de milhares de trabalhadores se lançaram no combate de classe, tendo a noção de que se orientavam pelas consignas do Partido do proletariado numa luta difícil mas gloriosa.

A organização do Partido foi a força essencial das jornadas de Maio de 1962 e dos seus sucessos. De 1960 a 1962 desenvolveu-se o trabalho organizativo para alargar e estruturar o Partido, para reforçar a sua ligação com as massas. A justeza da sua linha política foi aferida, de modo preciso, no decurso das grandes lutas de Maio.

À acção do Partido associou-se a acção da

Juntas Patrióticas. Sob o impulso dos comunistas criaram-se comités operários em muitas empresas e centros industriais, mais de uma centena de brigadas de agitação compostas de jovens trabalhadores e estudantes, além de muitos outros organismos criados entre os empregados, intelectuais, etc..

O audacioso trabalho de agitação foi outro factor de sucesso. Centenas de milhares de ma-

nifestos, tarjetas, cartazes, largamente difundidos agiram sobre as massas trabalhadoras, a par das inscrições e colagens, dos comícios relâmpagos à porta das empresas, das reuniões de trabalhadores e de jovens e da acção desenvolvida pela Rádio Portugal Livre, que teve uma larga influência entre a classe operária e as massas populares.

FIRMEZA E INTRANSIGÊNCIA REVOLUCIONÁRIA ante o inimigo!

Não trair, não denunciar, eis o caminho ao ser-se preso

Na luta contra a tirania fascista e no decorrer das inúmeras lutas travadas pela classe operária e as massas trabalhadoras contra a exploração capitalista, é conhecida a heroicidade de centenas e centenas de militantes comunistas que à frente dessas lutas têm pago com a liberdade e a própria vida, a sua dedicação ao Partido, à classe operária e ao povo português.

Nomes como os de **Joaquim Pires Jorge, Blanqui Teixeira, Dias Lourenço, Octávio Pato, Carlos Costa, Sofia Ferreira, Alda Nogueira, Dinis Miranda** e tantos e tantos outros destacados militantes comunistas, homens e mulheres, que jazem há longos anos nas masmorras salazaristas, são queridos e amados pela classe operária e o povo português. A sua vida revolucionária, a sua posição de firmeza e intransigência ante o inimigo fascista, são motivos de orgulho para o Partido e constituem altos exemplos de dignidade e combatividade revolucionárias.

Os militantes comunistas são, de entre todos os combatentes anti-fascistas, aqueles que melhores exemplos de firmeza revolucionária têm dado ante o inimigo. **Milhões Ribeiro, Alfredo Dinis, José Dias Coelho, Ferreira Marquês, Ferreira Soares, Augusto Martins, José Moreira, Germano Vidigal**, pagaram com a própria vida o preço de manterem bem alto a honra e dignidade do nome de comunistas.

É necessário, porém, dizer que nem todos os militantes comunistas têm sabido seguir os exemplos atrás apontados. É elevado o número dos que fraquejaram no momento da prisão, não tiveram coragem para suportar as torturas policiais e traíram os seus companheiros e o Partido. Muitas organizações partidárias foram desfeitas e presos os seus membros, não tanto pela acção investigadora da polícia, mas sim devido a actos

de cobardia e traição de alguns elementos responsáveis dessas organizações. Um enorme prejuízo e um grande atraso foi causado à luta libertadora do nosso povo por esse facto.

Mais grave ainda, é que de entre os elementos que têm traído, alguns deles eram militantes e revolucionários profissionais, funcionários do Partido que se haviam comprometido a defender a todo o custo os segredos do Partido, as tarefas e organizações cujo controle lhes havia sido confiado.

Todos os elementos que traíram foram, de acordo com os Estatutos do Partido, automaticamente expulsos das suas fileiras.

O estudo individual dos casos de cobardia e traição, revelam-nos que são, apesar de tudo, raríssimos aqueles indivíduos que ao traírem, se venderam aos inimigos do nosso povo, transformando-se em elementos policiais. Isto deve-se a que a generalidade dos indivíduos presos por actividades políticas, sobretudo os membros do Partido, são operários, camponeses, estudantes e intelectuais anti-fascistas. Quase todos eles, antes de serem presos, deram provas de combatividade nos sectores onde militavam, quer na luta em defesa dos interesses da sua classe, quer na luta política contra o fascismo. Eram elementos do povo e ligados ao povo. Alguns deles fraquejaram, ao serem presos, ante as torturas da PIDE, fazendo declarações e confirmações sobre a sua actividade, denunciando companheiros de luta. Os prejuízos e o atraso causados à luta, foram, em cada um dos casos muito grandes. Tratando-se de militantes comunistas, o prestígio do Partido saiu profundamente afectado por tais actos de cobardia e grandemente diminuída a confiança das massas dos sectores em que tais casos se verificaram, na tradicional firmeza dos comunistas. Os indivíduos que traíram ficaram completamente desacredita-



dos, caindo sobre eles a desonra e a condenação política.

É frequente verificar-se que os elementos que traíram na polícia se manifestam depois profundamente arrependidos por esse facto, chegando alguns a tentar pôr termo à vida. Verifica-se assim que tendo traído por cobardia e pelo receio de morrer, há indivíduos que ao avaliarem posteriormente as verdadeiras consequências da sua traição e a desonra que sobre eles caiu por essa razão, não se julgam dignos de continuar a viver. Como é evidente, isto não diminui, de modo nenhum, a gravidade do seu comportamento e a merecida repulsa de que são alvo os indivíduos que traíram.

Põe-se assim uma questão de grande importância política: — Estando tão profundamente generalizado, entre as massas e o povo, o ódio ao regime fascista; estando comprovado que mesmo os que não se comportam dignamente cedendo às torturas policiais, procuram resistir e não

ceder completamente, que é preciso fazer para que mesmo estes não cedam absolutamente em nada? Que é preciso fazer para que os exemplos de firme conduta revolucionária se generalizem a todos os combatentes anti-fascistas e em primeiro lugar aos comunistas? Qual a origem de tantos casos de comportamento indigno, para os quais, a intensificação da tortura concorre em muito, mas não é como o demonstram tantos outros exemplos de resistência vitoriosa a essa mesma tortura, o factor decisivo? Que é preciso fazer para terminar ou pelo menos reduzir radicalmente, os casos de mau comportamento dentro das fileiras do Partido?

A necessidade de dar uma resposta satisfatória a esta questão põe na ordem do dia a necessidade da realização de um mais profundo trabalho político do Partido, no sentido de educar os seus militantes e as massas anti-fascistas no espírito da intransigência e firmeza revolucionária ante o inimigo de classe.

Conhecer o carácter do inimigo fascista

A luta revolucionária e o triunfo final da nossa causa, comportam um caminho longo e difícil. A ditadura fascista, inimiga da classe operária e do povo português, é um regime cruel e terrorista. A sua dominação é apoiada num forte aparelho repressivo do qual se destaca uma polícia política — a PIDE — treinada numa longa experiência de luta contra todos os inimigos do regime e mais particularmente contra o Partido Comunista, como a principal força anti-fascista.

Com a intensificação da actividade revolucionária do Partido, com o aumento do seu prestígio e influência entre as massas trabalhadoras e o povo, com o alargamento da sua organização, a grande burguesia sente que é o seu domínio de classe que está em jogo. É um facto incontestável que a intensificação das lutas da classe operária e do nosso povo, aliada à luta dos povos coloniais, tem agravado profundamente as dificuldades e contradições do regime e tende a abalar a estabilidade do edifício fascista que se mantém, cada vez mais, à custa da violência, da guerra e do crime.

A luta revolucionária é, por tudo isto, uma luta muito difícil, exigindo dos militantes comunistas um elevado espírito de sacrifício de acor-

do com a sua responsabilidade. Para triunfar das dificuldades e dos sacrifícios que a luta exige de si, todo o militante comunista deve estar absolutamente convencido da justeza da causa por que luta e de que quaisquer que sejam as dificuldades porque tenhamos ainda de passar, quaisquer que sejam ainda os obstáculos a vencer, a nossa causa triunfará inevitavelmente. Deve estar disposto a suportar em todas as circunstâncias, os maiores sacrifícios, inclusive o da própria vida.

É, pois, importante, para o fortalecimento da consciência política do militante comunista que este conheça bem o carácter do inimigo que se opõe ao triunfo da causa por que luta. Sobretudo, para o caso de ser preso, deve saber de antemão o género de inimigo que terá de enfrentar e as torturas que terá de suportar para defender com honra o seu Partido, a causa por que luta e a sua dignidade de comunista.

Nas condições da ditadura fascista, o emblema com a polícia deve ser encarado por todo o militante não como uma fatalidade, mas sim como uma possibilidade com que deve obrigatoriamente contar.

A força do ideal revolucionário

A prisão não deve ser encarada como o fim da luta, mas sim como uma nova fase, gloriosa por vezes, dessa mesma luta. Nesta fase da luta, o militante revolucionário deve fazer apêlo a todas as suas energias para travar com honra a batalha que ela comporta, certo de que não está só, frente aos carrascos da PIDE. Certo de que com ele estão todos os combatentes pela demo-

cracia pelo ideal do socialismo e do comunismo do seu país e do mundo. Por grandes que sejam os sacrifícios e por prolongada que seja a luta, o resultado final ser-nos-á favorável, sendo inevitável o triunfo da democracia, do socialismo e do comunismo.

O militante comunista deve, porém, saber que o processo revolucionário que conduzirá à vitó-

ria, é longo e difícil. Não é um caminho recto e isento de escolhos, de sacrifícios e de derrotas temporárias.

Nestas condições, ainda que o triunfo da nossa causa seja historicamente certo, o avanço para a meta final pode aparecer por vezes difícil e moroso.

Frente ao inimigo, é preciso ter a noção exacta de que ao longo do processo que tem sido a luta da classe operária pela conquista da democracia e do socialismo, cada acção particular, cada tarefa, por mais simples que seja, tem o seu lugar exacto e a sua importância no conjunto da actividade revolucionária; representam passos indispensáveis na grande caminhada para o objectivo final. Nestas condições, cada tarefa que se não realizou ou que se realizou mal, representa um atraso, um entrave ao movimento geral. Cada cedência que se fizer ao inimigo, representa terreno perdido a reconquistar, maior esforço em piores condições. Tudo o que seja dito ao inimigo, ao ser-se preso, tudo quanto a polícia possa, por essa forma, saber da actividade partidária, toda a confirmação que possa obter das informações que já possui, são outras tantas armas que se dão ao inimigo para nos combater.

As torturas policiais

A experiência fornecida por muitos exemplos de revolucionários e heróis proletários, ao longo de dezenas de anos de luta, demonstra que não há torturas, por mais cruéis, capazes de forçar um comunista a falar, desde que ele esteja na firme disposição de não falar, mesmo que isso implique o sacrifício da sua própria vida.

Nenhum comunista, nenhum militante revolucionário deve, contudo, manter-se na ignorância dos métodos e torturas policiais que terá de enfrentar ao ser preso. Divulgá-los serve, em primeiro lugar, para armar os militantes revolucionários com o conhecimento dos métodos e torturas da PIDE, o que lhes servirá de grande experiência em caso de prisão; serve, em segundo lugar, para denunciar perante a opinião pública nacional e internacional, os métodos terroristas e criminosos usados pela polícia política de Salazar contra os inimigos do regime fascista.

Perante o militante anti-fascista que cai nas suas garras, a PIDE procura, desde o início, apresentar-se como uma organização toda poderosa, como uma máquina infernal à qual não é possível resistir e à qual, segundo eles, ninguém resiste. Faz tudo para colocar o enfrentamento do revolucionário com a polícia em termos duma luta em que a força física seria o elemento decisivo. Como tal, procura demonstrar que o preso não passa duma débil criatura face ao poderoso, brutal e bem apetrechado aparelho po-

Como elemento de vanguarda, o militante comunista é o guia, o exemplo para a acção, cujos actos têm uma grande repercussão e influência na acção e comportamento dos outros que o seguem. Esse comportamento deve caracterizar-se por uma constante e serena firmeza na acção, uma pertinácia constante na luta pela conquista dos objectivos propostos, sejam quais forem as fases e as condições da luta. Esta convicção ideológica dá ao militante a consciência de que a prisão e o embate com a polícia são um dos aspectos da luta, um dos muitos combates a travar na sua vida de militante, combate que já deve estar previsto de antemão, que já deve ser esperado e para o qual já se deve estar preparado. Nos interrogatórios e no decorrer das torturas policiais o militante revolucionário deverá enfrentar a polícia couraçado com a sua armadura ideológica, com a grande força moral dada pela justeza da sua causa. Deve enfrentar os torturadores da PIDE, tal como já enfrentou o inimigo de classe na organização de uma luta reivindicativa ou os agentes da repressão fascista numa acção política, numa manifestação de rua, etc. A PIDE é a expressão mais directa e mais cruel do inimigo de classe, deve, por isso, ser profundamente odiada e não deve haver para com ela qualquer transigência ou consideração.

Procura induzir o preso na ideia de que a sua luta, justa ou não, terminou ali e que nada mais tem a fazer do que reconhecê-lo e relatar à polícia a actividade política que o conduziu à prisão.

A polícia procura apagar o aspecto político e moral da questão que está no fundo do embate entre o preso e a polícia fascista. Porém, para o revolucionário que enfrenta a polícia, os aspectos políticos e morais desse enfrentamento constituem o fundo e o conteúdo essencial da questão que vai decidir-se. Aí reside a sua força e invencibilidade. A força física pode desgastar-se e vencer-se. A força moral e política de um verdadeiro revolucionário, de um comunista, jamais poderá ser vencida. À certeza da justeza da sua causa e à inabalável confiança no seu triunfo, alia o conhecimento e condenação moral e política do mundo de injustiças que está por detrás do regime fascista. Nestas condições, não há força capaz de o fazer falar se estiver decididamente disposto a não o fazer.

A «tortura do sono» que é uma variante refinada da «estátua», é actualmente um processo de tortura aplicado aos presos políticos. Consiste em meter o preso num gabinete policial, vigiado noite e dia por vários agentes que o impedem de dormir, utilizando para isso as mais variadas formas, desde os espancamentos até aos ruídos artificiais. Esta tortura prolonga-se por



dias e noites seguidos, sendo acompanhada de demoradas interrogatórias e, frequentemente, de brutais espancamentos, com vista a forçar o preso a falar.

Para lembrar apenas os casos mais recentes de camaradas sujeitos a esta tortura, citaremos os seus nomes pela ordem pela qual foram presos, seguidos da indicação do número de dias em que estiveram na tortura do sono: Ilídio Esteves, 7 mais 4; Júlio Martins, 11 mais 3; Octávio Pato, 11 mais 7; José Bernardino, 8 mais 6; António Dias Lourenço, 4 mais 4; Jorge Araújo, 10 dias num só período; Blanqui Teixeira, 13 dias num só período; António Graça, 7 mais 4 mais 11 mais 2; Domingos Abrantes, 13 dias num só período; Veiga de Oliveira, 18 mais 7 mais 7; Dinis Miranda, 15 dias num só período.

Alguns dos camaradas atrás referidos foram violentamente espancados, mas o processo que mais prevalece é a tortura do sono e cabe dizer que aqueles que sofreram ambos os processos de tortura não têm dúvidas em afirmar que a tortura do sono não é um processo menos brutal que o mais violento espancamento.

Não deve haver dúvidas de que quem fizer 10, 15 ou 18 dias consecutivos de tortura do sono fica colocado à beira dos limites da resistência física. Não é por acaso que quando o preso chega a certa fase de esgotamento, um agente da PIDE, armado em «bom», deixa-o dormir uns 10 minutos, pois esses poucos minutos de repouso são indispensáveis e são também suficientes para que a tortura se possa prolongar por um ou mais dias. Também é habitual que o segundo período de tortura do sono, quando é aplicado, seja mais reduzido que o primeiro. Isto sucede porque tendo havido um grande desgaste físico no primeiro período, a polícia vê-se obrigada a reduzir a duração do segundo período com receio de um desenlace fatal e irremediável para a vida do preso. (Não devemos esquecer que o objectivo político da polícia não é matar o preso com as torturas, mas sim arrancar dele as declarações que pretende. A morte dum preso político, como já se tem verificado, acarreta para o regime sérios inconvenientes políticos pelas inevitáveis repercussões políticas de tais crimes, no país e no estrangeiro).

As **alucinações** são uma consequência inevitável da prolongada tortura do sono.

É vulgar o torturado «ver» ratos, cavalos, figuras humanas e nalguns casos até familiares «desenhados» nas paredes, no soalho e até no próprio vestuário. As sombras, concavidades, ranhuras e falhas existentes nas paredes e no soalho, facilitam a «formação», aos olhos do torturado, de tais figuras e «desenhos» e concorrem para as alucinações. Os objectos (uma cadeira, um maço de cigarros, uma mesa, um armário, etc) aparecem em duplicado e semi-sobrepostos. Há momentos em que o soalho apa-

rece num plano inclinado e se o torturado estiver de pé ou a andar, não consegue equilibrar-se e cairá se não se sentar ou encostar à parede; ou então, no caso de estar sentado, «vê» o soalho aparecer à altura dos joelhos ou da cintura. Outras vezes se vai a andar, choca com a parede ou a porta, pois estava a «vê-las» mais distantes de si do que na realidade estavam.

Pior ainda, é quando o torturado adormece de pé, repentinamente, mesmo que vá a andar. Nestes casos, o seu corpo cai inteiriçado, como se estivesse «morto».

Na tortura do sono, o torturado «vê» e «ouve» coisas de vários tipos e há diversos exemplos de evidente sonambulismo. Houve um que «viu» uma manifestação de camponeses e por isso se pôs a gritar incitando os «camponeses». Um outro pôs-se a caminhar como quem se vai, embora, fazendo menção de abrir a porta. Um outro pôs-se de joelhos convicto que estava a beijar a companheira, um outro ainda que era tipógrafo, perguntou de repente: «Como é aqui o trabalho?» O PIDE que estava interessado em alimentar esta alucinação respondeu-lhe: «Vem para aqui a tipografia e você escolhe o pessoal que for preciso».

Os ardis e armadilhas policiais entram em acção nos momentos mais agudos das alucinações. Em tais momentos, os agentes procuram conversar com os presos induzindo-lhes ideias no sentido de desvendarem os segredos do Partido. Estando o preso prevenido contra tais armadilhas é mais fácil não cair nelas, esforçando-se por manter lúcida a sua consciência revolucionária e a noção viva de que está nas mãos do inimigo.

Quando as faculdades mentais do preso estão diminuídas por muitos dias de tortura do sono, os pides tentam apanhar os presos em falso, fazendo-se passar por «vendidos» e até por membros do Partido, infiltrados na polícia ou por pessoas que desejam ingressar no Partido dizendo, para esse fim, «mal» da polícia e do regime. Isto mostra como é necessário em tais condições, manter sempre viva a consciência revolucionária, qualquer que seja o grau de cansaço mental a que se fique sujeito devido às torturas. É preciso ter presente, continuamente, repetir mil vezes, para si próprio, que se está rodeado de inimigos e que com tal, devem ser encarados.

As **montagens sonoras**, emitindo a voz de entes queridos, ora a chorar ora a gritar, com frases soltas pelo meio, é também um processo de tortura a que a PIDE recorre frequentemente. Essas «vozes», procuram deixar entender serem de um filho, ou companheira, (ou companheiro) que está a ser submetido a cruéis torturas. Tudo isto é feito com o fito de impressionar e abalar o moral revolucionário do preso, amolecendo a sua vontade e quebrando a sua firmeza. O preso ouve por vezes o ruído de instrumentos metáli-

cos a serem afixados ou a caírem em bacias como se se estivesse a proceder a curativos ou a preparar novas torturas. No meio de tais montagens sonoras, deixam-se ver «por descuido» ligaduras e algodão tingidos de vermelho e surge por vezes um grito mais agudo, figurando uma tortura violenta e a seguir uma série de vozes, procurando dar a impressão de que o «torturado» já cedeu e entrou pelo caminho da traição. Houve camaradas, alguns deles já experimentados, que acreditaram em tais farsas montadas pela polícia, ainda que não se tenham deixado impressionar por elas.

No decorrer da tortura do sono, a PIDE tem todo o interesse em que o preso sujeito a tal tortura não saiba que existem alucinações. Se estiver desprevenido, ao «ver» os objectos em duplicado, o sealho a subir e a descer e figuras nas paredes, ao ter ilusões auditivas, ampliadas com as montagens sonoras da PIDE, é bem possível que o torturado pense estar à beira da loucura e, se for um espírito fraco, poder desorientar-se, aterrorizar-se.

Se o preso estiver armado com a experiência do Partido aqui descrita, se souber de antemão que lhe vão surgir alucinações e as formas que estas adquirem, as possibilidades de se manter firme, de não fraquejar, serão reforçadas, sobretudo, se aliár a esta experiência a sua firme vontade e a sua consciência de militante revolucionário.

Outros tipos de torturas. Temos fortes razões para supor que a PIDE tem, nalguns casos, usado outros tipos de torturas, além da tortura do sono e dos espancamentos. Há camaradas que afirmam terem sido sujeitos a emanações de gases. Assim, por exemplo, sabe-se que Domingos

Abrantes, em 1965 e mais recentemente o camarada Dinis Miranda, foram metidos em salas próprias com o objectivo previamente declarado de serem submetidos a torturas especiais (num caso, a polícia definiu-a como sendo o «cérebro electrónico»). Esta declarada intenção e a afirmação feita então, de que todos são obrigados a falar uma vez sujeitos a tal tortura, teve claramente o objectivo de tentar impressionar os presos em questão, aumentando os efeitos das alucinações. Um deles, ouviu uma grande e insuportável barulheira e qualquer deles sentiu as roupas ficarem húmidas e «viu» que se tornavam azuladas. Há a ideia de que algo provinha da lâmpada de iluminação. Em qualquer dos casos, a polícia não tirou nenhum resultado deste procedimento, mas seria errado supor-se que o inimigo fascista não recorre a novos processos de tortura para tentar dobrar os presos.

É também muito provável que a polícia esteja a fazer uso de drogas, tais como o «pentotal» e outros alucinogéneos. Houve camaradas que tiveram a suspeita de terem sido drogados, pois isso pode ser uma forma de tentar provocar certo tipo de alucinações.

Tratando-se de mulheres, é frequente a PIDE recorrer a insultos e grosseiras calúnias, tentando sempre ferir o pudor feminino. Em mais de um caso, ajudados por mulheres polícias, os Pides despiram as presas à força, procurando enxovalhá-las e desmoralizá-las com baixos gracejos e insinuações. Em todos os casos conhecidos, este miserável procedimento policial teve apenas o efeito de reforçar nas camaradas presas o ódio ao inimigo e a sua determinação de resistir firmemente, mantendo sempre uma ávida posição de desprezo para com os torturadores da PIDE.

Firmeza ante o inimigo

Cada militante comunista, no decorrer da sua actividade política, deve, dia a dia, procurar desenvolver em si todas as qualidades revolucionárias, para que possa cumprir com honra o seu dever em todas as circunstâncias. Uma vez nas mãos da polícia, deve pensar que está travando um combate que não pode perder haja o que houver.

Frente ao inimigo não há que ter qualquer complexo de inferioridade. O sentir-se medo, por exemplo, é uma coisa natural e humana. Um comunista deve, porém, libertar-se da acção do medo e dominar os seus efeitos frente ao inimigo, frente aos inimigos do Partido e do nosso povo. Pode ter-se medo e sofrer a tortura sem abdicar, sem trair o que é a razão e o objectivo superior da nossa vida. Pode desejar-se que os

maus tratos cheguem ao fim, sem desejar esse fim a troco da desonra e da ignominia. Pode, enfim, ser-se corajoso e firme, serrar os dentes e nada dizer que prejudique os seus companheiros, o Partido e a luta do nosso povo pela sua libertação. Toda a experiência comprova que a tortura, sendo um crime monstruoso que não nos cansamos de denunciar, não justifica nem pode justificar, só por si, qualquer traição. É possível resistir, se se está firmemente disposto a resistir. É possível não falar, se se está firmemente disposto a não falar. A vitória sobre a polícia é uma vitória do Partido e é uma força moral de grande valor para suportar a prisão.

Não há nada mais elevado na vida do que a satisfação do dever cumprido. A satisfação do dever cumprido, compensará os comunistas, de todos os sacrifícios.



BANQUETES, HOMENAGENS, CONDECORAÇÕES... FORMAS UTILIZADAS PELA BURGUESIA PARA CORROMPER OS TRABALHADORES

Na sua ânsia de acumular lucros a burguesia recorre às mais variadas formas para dividir, dominar, corromper, numa palavra, explorar os trabalhadores.

Desde as formas brutais e descaradas tais como o prolongamento da jornada de trabalho sem qualquer remuneração—com entrada antes da hora e saída depois da hora; o trabalho gratuito conseguido através das multas e castigos; o uso e abuso das horas extraordinárias sem qualquer percentagem; a fixação dos trabalhadores em categorias profissionais inferiores à sua qualificação profissional para lhe pagarem salários mais baixos; o salário duplo, roubando os trabalhadores no abono de família, na previdência, no seguro; a diferenciação salarial para trabalho igual, que atinge particularmente as mulheres e os jovens, até às formas mais refinadas como o trabalho a prémio, o trabalho à ficha, o mérito, a tudo tem recorrido e continua a recorrer o patronato.

Mas, em virtude da elevação da consciência de classe e da consciência política dos trabalhadores, que se tem traduzido em lutas cada vez mais firmes e constantes contra a exploração de que são vítimas, os patrões têm sido obrigados a recuar muitas vezes e a abandonar algumas das formas de exploração, particularmente as mais brutais e escandalosas. Todavia, sempre que têm de pôr de lado alguma forma de explorar e dominar os trabalhadores, eles procuram, desde logo, criar outra ou outras que substituam aquela, muitas vezes até com vantagem. E devemos reconhecer que, nesse aspecto, a sua imaginação é fértil...

Últimamente têm proliferado algumas formas que, sem serem directamente formas de exploração, tendem, todas elas, a esbater a contradição entre o capital e o trabalho.

Com base nas velhas e desacreditadas teorias da «harmonia de classes» ou da «democratização do capital», a burguesia procura enfraquecer a consciência de classe dos trabalhadores, corrompendo-os, para mais fácil e veladamente os explorar.

umas empresas, após terem sucessivamente acumulado lucros cada vez mais elevados, distribuem «generosamente» pelos trabalhadores acções das mesmas, dizendo-lhes depois que deixaram de ser seus empregados para se transformarem em seus «colaboradores» ou «accionistas». Assim procederam, entre outras, a GÁS CIDLA em Lisboa, a F. RAMADA, AÇOS E IN-

DÚSTRIAS em Ovar, o BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, etc..

Outras empresas fomentaram a criação das chamadas «Casas do Pessoal», nas quais coagem todos os trabalhadores a integrarem-se, levando-os a desenvolver e praticar actividades desportivas, recreativas ou culturais, incitando-os a formar mesmo caixas de ajuda mútua ou cooperativas. Escusado será dizer que os cargos directivos destas ou outras associações ligadas às empresas (tais como os CAT—Centros para Alegria no Trabalho—as Cantinas, os Grupos Desportivos ou Cénicos, etc.) e formadas em nome e para servir os trabalhadores, são ocupados pelos funcionários superiores das empresas quando não são os próprios patrões.

Tais são os casos, entre outros, da EFACEC no Porto, da C^a. PORTUGUESA DE CELULOSE em Cacia-Aveiro, da METALÚRGICA DUARTE FERREIRA no Tramagal, da EMPRESA DE LIMAS TOMÉ FETEIRA em Vieira de Leiria, dos NITRATOS DE PORTUGAL na Póvoa de Santa Iria, etc..

Mas para além destas e outras subtis formas de corromper a consciência de classe dos trabalhadores, algumas há que se estão a generalizar cada vez mais, particularmente entre as grandes empresas.

Entre essas formas destacam-se os banquetes de aniversário das empresas; os homenagens nos melhores servidores; os almoços ou jantares de confraternização do pessoal, os encontros familiares, etc., etc.. Estes «aniversários», «homenagens», «almoços» ou «encontros», são realizados, apoiados ou fomentados pelos patrões e visam sempre os mesmos objectivos: ESBATER A CONTRADIÇÃO ENTRE TRABALHADORES E CAPITALISTAS, CORROMPER A CONSCIÊNCIA DE CLASSE DOS TRABALHADORES, ESTIMULAR O SEU ORGULHO DE PERTENCER À «GRANDE FAMÍLIA» DA RESPECTIVA EMPRESA, para que, ao fim de todo este processo, lhe arranquem a pele mais suavemente, isto é, os patrões sejam cada vez mais ricos e os trabalhadores cada vez mais pobres.

Contra estas e outras formas de corromper a classe operária devem os trabalhadores opor a barreira da sua unidade e da sua organização, desenvolvendo e elevando cada vez mais a sua consciência de classe.

Cabe aos trabalhadores mais esclarecidos e conscientes, em particular aos militantes comunistas, um importante papel no esclarecimento e educação dos seus camaradas de trabalho sobre os objectivos que os capitalistas pretendem alcançar com toda esta actividade.

Assim como têm forçado os patrões a recuar ou a modificar as tradicionais formas de exploração, os trabalhadores portugueses, guiados pelo seu partido, o Partido Comunista, obrigarão-lhes, também a desmascarar-se, mostrando-lhes que não há «homenagens», «banquetes», «condecorações», «prémios» ou seja lá o que for, que faça desaparecer a contradição entre o capital e o trabalho, que ponha termo à exploração do homem pelo homem. Isso só será conseguido quando no nosso País for derrubado o poder da burguesia e instaurado o regime socialista, primeira fase da sociedade comunista, objectivo final por que lutam todos os comunistas.

TENDÊNCIAS E MÉTODOS DE ACCÇÃO DE CERTOS SECTORES ANTI-FASCISTAS E A LUTA PELO DERRUBAMENTO DA DITADURA

Entrevista de Álvaro Cunhal à Rádio Portugal Livre

Pergunta: Camarada Álvaro Cunhal. Fala-se muito, actualmente, nas diversas formas e métodos de acção defendidos e seguidos por vários sectores anti-fascistas. Ouvintes de Rádio Portugal Livre manifestam grande interesse pelo assunto. Dado o tempo limitado das nossas emissões, propomos que esta entrevista lhe seja inteiramente consagrada.

Resposta: De acordo, camarada.

Pergunta: Eis então a primeira pergunta. O Comunicado da Reunião do Comité Central do Partido Comunista Português de Julho de 1967 afirma que «as concepções oportunistas de direita constituem no actual momento, as mais perigosas tendências no movimento anti-fascista português». Não contradiz essa afirmação afirmações anteriores segundo as quais a mais perigosa tendência era o esquerdismo e o aventureirismo? Não se tratará de uma mudança de apreciação e de elite do Partido?

Resposta: Não, não se trata de uma mudança de apreciação e de atitude do Partido.

Temos sempre combatido tanto as tendências oportunistas de direita como as tendências esquerdistas e aventureiristas. Uma e outras influenciam negativamente a luta do povo português contra a ditadura fascista. O oportunismo de direita, alimentando ilusões na queda automática ou semi-automática do fascismo, conduz à inércia e afasta da actividade revolucionária os agrupamentos políticos que o perfilham. O esquerdismo e aventureirismo, alimentando a ilusão de que o problema político português pode ser solucionado por alguns homens decididos à luta armada conduz os que o perfilham, quando coerentes, a aventuras condenadas ao fracasso. Um e outro afastam o movimento anti-fascista do que deveriam ser as suas preocupações fundamentais na hora actual: a organização, a acção política e a luta popular. Um e outro desenvolvem nas massas a expectativa, a enérgia e a passividade. Um e outro afastam o movimento anti-fascista da sua real perspectiva revo-

lucionária, que só se pode abrir através dum amplo e insistente trabalho de massas.

Criticando simultaneamente as duas tendências, temos ao mesmo tempo em conta que, num momento dado, uma ou outra ganha maior vulto e exerce uma influência mais prejudicial.

Nos anos de 1963-65, foi o esquerdismo, o aventureirismo, que como tendência negativa mais se fez sentir no movimento anti-fascista português. Com algumas trágicas experiências, que expuseram à luz do dia os desastres a que conduz a impaciência, o desespero, a precipitação e a aventura, o esquerdismo sofreu sérios golpes, tanto no plano ideológico como na actividade prática, e a sua influência decresceu temporariamente.

Ao mesmo tempo, inspiradas pela burguesia liberal e por certos sectores socialistas, de novo ganharam terreno as tendências de direita. Em torno do mito dos «dissidentes» e da chamada preparação para a sucessão de Salazar teve lugar um surto oportunista caracterizado pela renúncia a objectivos fundamentais da revolução anti-fascista, pela admissão da possibilidade dum compromisso com os chamados dissidentes do regime, pelo abandono do trabalho de organização clandestina, pela substituição da luta popular por manobras de bastidores, pela perda dum perspectiva revolucionária.

Nos anos de 1966 e 1967, foram estas tendências e não tanto o esquerdismo que mais se fizeram sentir no movimento anti-fascista, prejudicando a unidade, entervando a estruturação orgânica, refrendo a acção política, espalhando novas ilusões acerca dum queda automática do fascismo. Essa a razão por que, na sua reunião de Julho de 1967, o Comité Central do Partido Comunista indicou as tendências oportunistas de direita como sendo então as mais perigosas no movimento anti-fascista.

Pergunta: E actualmente? Continua a impor-se o combate ao oportunismo de direita, ou mudou uma vez mais a situação?

Resposta: Actualmente, como seis meses atrás, continua a ser necessário combater firme e intransigentemente o oportunismo de direita, que predomina em vastos sectores da Oposição e exerce uma influência negativa em todo o movimento democrático.

Temos de desfazer as tolas esperanças de que



O fascismo pode ser destruído precisamente por aqueles que querem salvá-lo. Temos de desmascarar o verdadeiro significado e alcance da ideia que alguns têm espalhado de que a libertação do povo português pode vir do estrangeiro, da pressão daqueles mesmos que apoiam Salazar e exploram a nossa pátria, seja os próprios americanos cujo auxílio alguns têm a desvergonha de procurar, seja lacaios do imperialismo como os «socialistas» ingleses de Wilson ou os «socialistas» oeste-alemães de Willy Brandt. Temos de mostrar aos olhos das massas que, por muito importante que seja (e de facto é) o aproveitamento de possibilidades legais e semi-legais de acção, nunca poderão dirigir a luta libertadora aqueles que se limitam a agir no quadro da legalidade fascista, fogem a uma actividade clandestina e revolucionária, têm medo das massas populares como o Diabo da Cruz e expressamente proclamam que não querem nem insurreição, nem revolução. Por tudo isso temos que combater o oportunismo de direita.

Isso não significa entretanto que o esquerdismo, o aventureirismo, não possa vir de novo a ser a mais perigosa tendência no movimento anti-fascista. Podemos mesmo dizer que as tendências oportunistas de direita estão perdendo terreno e que de novo se reanimam as tendências esquerdistas e aventureiristas.

O dever do Partido é combater umas e outras, incidindo em cada momento a sua maior atenção para aquelas que se revelem nesse momento as mais prejudiciais.

Pergunta: Poderá concretizar em que consiste essa actual reanimação das tendências esquerdistas e as razões da crítica que faz o Partido?

Resposta: Nos sectores pequeno burgueses da Oposição passa-se facilmente do esquerdismo ao direitismo e vice-versa e por vezes as duas tendências tocam-se e conciliam-se. Nada deve surpreender este vai-vem, este balancé entre as duas tendências. Os factos atiram por terra as ilusões legalistas? A pequena burguesia mais radicalizada volta-se para soluções de desespero. Os factos ensinam que o desespero conduz ao desastre? Regressa às soluções legalistas. E assim por diante repete-se o ciclo.

A nova reanimação do esquerdismo resulta por um lado do tombar das ilusões semeadas profusamente nos anos trasactos acerca duma liberalização do regime, da possibilidade dum compromisso com os chamados dissidentes. Resulta por outro lado de factores de ordem internacional.

O fundamental das concepções esquerdistas e aventureiristas no actual momento não traz nada de novo. É a repetição dum esquema conhecido, segundo o qual a revolução e a vitória poderão ser alcançadas como resultado da acção de um pequeno núcleo de homens decididos à luta armada, que a empreendam com coragem e preparação técnica.

Sabe-se que consideramos tais concepções erradas e perigosas.

Pequenos grupos que, sem uma organização política sólida, sem influência nem apoio de massas, sem ter em conta as condições existentes num momento dado, empreendam a luta armada, poderão realizar actos dispersos de carácter propagandístico, poderão realizar alguns actos terroristas, mas não passarão daí. Grupos desse tipo não têm condições para resistir à repressão fascista, são extremamente vulneráveis à provocação da PIDE ou de serviços estrangeiros e podem mesmo tornar-se instrumento daqueles que afirmam combater. Homens corajosos e honestos que escolham tal caminho correm direito à desilusão, ao fracasso e à derrota.

Não é para diminuir quem quer que seja que assim falamos. A nossa crítica é feita na base da experiência do movimento revolucionário português e internacional.

O esquerdismo, o aventureirismo, avança também naturalmente a sua argumentação. Não cabe, no âmbito desta entrevista, responder a ela. Mas dois pontos quero referir.

O primeiro: Uma táctica não justifica a sua validade numa situação dada pelo facto de ter tido bons resultados numa situação diferente. Em cada caso, a táctica deve ser estabelecida, não copiando mecânicamente experiências alheias, mas em correspondência com a situação real em que vai ser aplicada.

O segundo: Tão pouco se pode justificar uma táctica, citando a coragem, a devoção e a coerência dos que a adoptam. Nós apreciamos a coragem, a devoção e a coerência como grandes virtudes revolucionárias e julgamos que, no nosso país, ninguém mais que os comunistas têm delas dado provas. Mas se a coragem, a devoção e a coerência servem para ajuizar da formação moral e do valor moral dos homens, não demonstram por si a correcção duma táctica.

Não são heróis isolados que podem resolver os problemas duma revolução, que só a organização política, a acção política, a luta de massas, a acção popular revolucionária, podem resolver.

A perspectiva que se oferece ao nosso povo é a insurreição popular armada. As acções armadas têm decerto mesmo antes da insurreição um papel importante a desempenhar. Entretanto, por muito que desagrade aos impacientes, continuamos a afirmar que, nas condições actuais, não é ainda a luta armada a forma de luta fundamental e decisiva. Ela deve ser empreendida e acrescentamos: será empreendida, enquadrada no trabalho de organização, na acção política e na luta popular de massas. Essa é a única base em que poderá desenvolver-se com sucesso.

Pergunta: O que acaba de ser dito sugere uma outra questão. Nos últimos anos têm sido formados, com vida mais ou menos efémera, grupos que se propõem levar a cabo uma acção revolucionária. Observa-se

entretanto que, por sistema, esses grupos comessam, não por procurar a cooperação com o Partido Comunista, mas por dizer que este está «ultrapassado», acusando-o de «não querer fazer a revolução» e afirmando que são eles, isto é, cada um desses grupos, que vão fazê-la. Como interpretar esse facto?

Resposta: O facto tem causas imediatas e causas mais profundas. Entre as causas imediatas conta-se a intenção de cada novo grupo ganhar elementos combativos, que no geral se encontram no âmbito da influência do Partido Comunista. Como esses grupos não têm suficiente força de atracção nem uma actividade política que justifique as suas pretensões, pensam que, atacando e caluniando o Partido com mais ou menos escrúpulos, podem afastar da influência do Partido e conseguir a adesão de alguns desses elementos.

Existem, porém, causas mais profundas dessa atitude.

Não se trata de um fenómeno especificamente português. Ele verifica-se, pode dizer-se, à escala mundial. Um pouco por toda a parte, elementos radicais da pequena burguesia negam que os partidos operários, os partidos comunistas, possam ou queiram dirigir a revolução e pretendem que essa tarefa incumbe a organizações da pequena burguesia. Alguns não deixam de invocar o marxismo-leninismo, interpretando apressada e incorrectamente as suas teses fundamentais para cobrir ideologicamente posições tipicamente pequeno-burguesas.

O denegrimento sistemático dos quadros políticos operários, a sobrestimação do papel dos intelectuais e dos estudantes na revolução, a apresentação destas camadas como a vanguarda das forças revolucionárias, o menosprezo pela organização e pelo trabalho político e a atribuição da direcção política a quadros militares, o culto da acção dos heróis e dos feitos individuais contrapondo-se à acção das massas, as táticas putchistas e aventureiristas, o anti-sovietismo, a subestimação do papel da URSS, do campo socialista e da classe operária internacional no processo revolucionário mundial, o ultra revolucionarismo verbal,—são aspectos característicos das concepções da pequena burguesia radical na actualidade.

Apesar de muitas vezes objectivamente anti-comunista, tal posição não pode ser interpretada como sendo sistematicamente hostil à revolução socialista. Não. O fenómeno é mais complexo. Ele resulta das vitórias históricas do socialismo e da mudança da correlação mundial de forças. Em numerosos países, entre os quais Portugal, os sectores mais radicalizados da pequena burguesia compreendem a inevitabilidade da revolução socialista e aderem aos ideais fundamentais do socialismo. O que existe por detrás das posições

e concepções acima referidas não é em muitos casos a oposição ao advento duma sociedade socialista, mas a pretensão da pequena burguesia dirigir, como tal, a revolução dos operários e camponeses. Essa pretensão manifesta-se em numerosos países e procura mesmo expressões internacionais. Não será de estranhar se a pequena burguesia mais radicalizada vier mesmo a procurar criar a sua própria «Internacional» com a pretensão de concorrer com o movimento comunista e de sobrepor-se a este como único verdadeiro movimento revolucionário do planeta...

A história já nos deu exemplos de revoluções da burguesia que a classe operária dirigiu. O que aparece (e este é o fenómeno novo) é a pretensão da pequena burguesia querer dirigir revoluções da classe operária.

Pela nossa parte, continuamos a pensar que cabe aos trabalhadores libertarem-se por suas próprias mãos do jugo do capital, que a classe operária é a classe mais revolucionária e que, para o triunfo da revolução socialista e para a construção do socialismo, é decisiva a acção dirigente dos partidos da classe operária, dos partidos comunistas, orientados e inspirados pelo marxismo-leninismo.

Pergunta: Essa luta pela hegemonia entre a classe operária e a pequena-burguesia é cada vez mais evidente. Mas parece que não deve impedir a aliança das duas classes e das forças políticas que as representam e a sua cooperação para a acção anti-fascista e para a construção dum Portugal democrático e progressivo. Será assim?

Resposta: Exactamente. Não nos guiamos pelo subjectivismo, antes pela análise das situações e dos fenómenos. Por isso não tomamos uma posição negativa em relação às tentativas de organização e de acção da pequena-burguesia. Por um lado, desvendamos a natureza de classe das suas concepções e atitudes sejam de direita ou de esquerda, damos firme combate às suas pretensões hegemónicas e às suas campanhas contra a classe operária e o Partido. Por outro lado, propomos muito fraternalmente a conjugação de esforços, a cooperação e a unidade de acção.

Pergunta: Não haverá uma falta de coerência entre essas duas atitudes?

Resposta: Não, não existe falta de coerência. As forças sociais que se opõem ao fascismo são diversas. Por isso são necessariamente diversas as concepções, as atitudes e os métodos dos agrupamentos ou sectores políticos que as representam. Dentro dessa diversidade, não só existem objectivos comuns (o primeiro, central e fundamental é a conquista da liberdade política) como é necessário e é possível o entendimento, tanto para acções com objectivos limita-

dos imediatos, como para o desenvolvimento geral da luta política e revolucionária que conduza ao derrubamento da ditadura fascista e à instauração dum regime democrático.

Não são de levar a sério quaisquer agrupamentos que, mal ensaiam os primeiros passos, logo afirmam que sózinhos farão a insurreição e libertarão Portugal do fascismo. A necessidade de união dos anti-fascistas decorre da própria situação nacional.

Na sua acção independente como partido da classe operária e dos trabalhadores portugueses, o Partido Comunista critica as tendências que entram o desenvolvimento da luta anti-fascista, que dispersam e dividem os democratas, que contrariam a acção popular de massas, que condenam à passividade ou conduzem à aventura. Mas criticando as tendências negativas, procuramos incansavelmente a cooperação e a unidade com todos os sectores anti-fascistas. Declaramos a nossa firme disposição de unir as nossas forças às de todos os que sinceramente querem lutar para varrer o fascismo da nossa terra. De há muito nos declaramos prontos, em qualquer momento, para analisar em comum com todos os sectores anti-fascistas que o desejem todos os problemas da luta anti-fascista, para estudar em comum as experiências, debater ideias, procurar definir em comum um programa e uma tática, encontrar formas estáveis, regulares e eficientes de cooperação.

O nosso trabalho em favor da unidade não se traduz apenas nas relações com outros agrupamentos políticos. O trabalho em favor da unidade faz parte da actividade diária de todas as nossas organizações e militantes, que se esforçam incansavelmente para unir os operários, os camponeses, os empregados, os estudantes, os intelectuais, os militares, homens, mulheres, jovens das mais variadas correntes políticas nas mais variadas formas de luta contra o fascismo. Em todos os domínios da luta anti-fascista, no terreno legal e na actividade clandestina, na luta económica e na luta política, nas acções de massas e na luta armada, estamos firmemente dispostos a cooperar com todos os que sincera e lealmente queiram cooperar, a unirmo-nos com todos os que se queiram unir.

A unidade que queremos, por que lutamos, que em muitos casos alcançamos, não é para ficar de braços cruzados à espera da queda automática do fascismo, não é para nos lançarmos em desesperadas aventuras condenadas à derrota, mas a unidade que fortalece a organização e impulsiona a luta popular com uma perspectiva revolucionária.

A classe operária e o seu Partido tem um papel determinante a desempenhar no movimento nacional anti-fascista. É consciente das suas responsabilidades, que o Partido Comunista Português, ao mesmo tempo que desenvolve a sua acção independente como Partido da classe operária, continua sendo o grande porta-

-estandarte da unidade de todos os anti-fascistas na luta contra o inimigo comum, na luta para derrubar a ditadura fascista e para conquistar a liberdade.

Pergunta: O Partido Comunista insiste no papel determinante da classe operária e do Partido no movimento nacional anti-fascista. Entretanto, como publicamente tem referido dificuldades e debilidades no seu próprio desenvolvimento, afirmam alguns que, em virtude dessas dificuldades e debilidades, o Partido não está em condições de desempenhar o papel determinante que a si próprio se atribui. Quer dizer alguma coisa a este respeito?

Resposta: Os que assim falam, uns liberais, outros socialistas, uns que francamente se dizem anti-comunistas, outros que se dizem nossos amigos e aliados, são aqueles que gostariam que a sua opinião correspondesse à realidade, ou seja, gostariam que o Partido Comunista Português sofresse sérios revezes e deixasse de representar qualquer papel na política nacional.

Falam assim além do mais para justificarem a afirmação de que são eles os mais legítimos representantes da Oposição, para justificarem as suas pretensões de hegemonia no movimento anti-fascista e ao mesmo tempo tranquilizarem os americanos, ingleses, oeste-alemães e outros a quem pedem auxílio contra Salazar, dizendo-lhes que em Portugal o «perigo comunista» não existe.

Mas a realidade não se amolda a tais desejos e, agrade-lhes ou não, o Partido Comunista Português continua a ser um grande Partido nacional e o único verdadeiro partido revolucionário existente no nosso País.

De facto temos referido publicamente deficiências e debilidades no trabalho do nosso Partido. Nenhum partido sério pode deixar de fazê-lo. Um partido, para progredir, necessita de tirar experiência dos factos, de aprender tanto com as vitórias como com os insucessos, não receando a verificação das próprias debilidades, antes constantemente as apontando, descobrindo as suas causas, tomando medidas para vencê-las.

A liberdade não será oferecida numa bandeja ao povo português. Nem pelos «dissidentes», nem pelos liberais, nem por socialistas, nem pelos amigos estrangeiros de quaisquer destes. A liberdade só pela luta do próprio povo poderá ser alcançada. Organizar, conduzir, dirigir a luta popular até à vitória é a tarefa que nos propomos e a nosso ver se deveriam propor todos os agrupamentos anti-fascistas.

O Partido Comunista, que existe, que vive, que age, que luta apenas para servir a classe operária e o povo português, tem uma ideia da sua responsabilidade e não poupa nem poupará esforços, não poupa nem poupará sacrifícios, para estar à altura da sua tarefa.

Aqueles que confiam no Partido Comunista têm razões para confiar. Somos o grande Partido anti-fascista do presente e estamos certos de que seremos também o grande Partido do futuro.